


DOI: 10.22476/revcted.v8.id623

ISSN: 2447-4223

O PAPEL DOS GRUPOS DE MULHERES EM DIFERENTES CONTEXTOS E O GRUPO DE MULHERES DO NIASE

Isabela Custódio Talora Bozzini¹

 <http://orcid.org/0000-0002-0024-9506>


Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Ciências Agrárias, DCNME, Araras, SP, Brasil

Juliana Consonni²

 <https://orcid.org/0000-0002-7711-7974>

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), Campinas, SP, Brasil

Christiana Andréa Vianna Prudêncio³

 <https://orcid.org/0000-0002-4571-2090>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Departamento de Ciências Biológicas (DCB), Ilhéus, BA, País

Submetido em: 15/11/2022	Aceito em: 15/12/2022	Publicado em: 31/12/2022
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

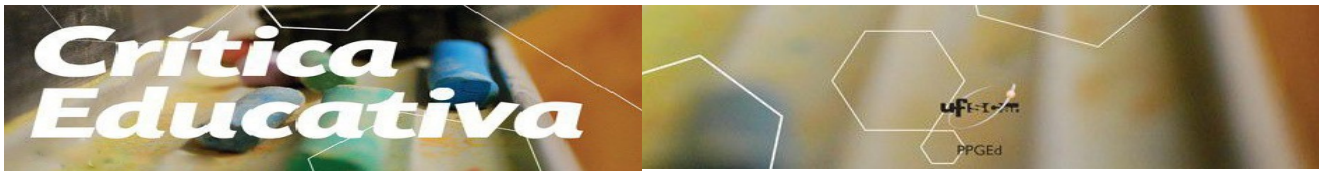
Resumo

Os grupos de mulheres têm possibilitado a ampliação da luta das mulheres por direitos e contra a violência em diferentes espaços. Dentre os movimentos de luta, destacamos o *MeToo* nas universidades, um movimento internacional pelo fim do assédio contra mulheres nas universidades, reduzindo desigualdades em diferentes âmbitos. Neste artigo, apresentamos o grupo de mulheres do NIASE desde seu surgimento até o atual momento, relacionando nossas ações com outros grupos de mulheres existentes no Brasil e no mundo. Este resgate histórico no NIASE e em outros grupos de mulheres nos possibilitou refletir sobre o papel desses espaços na redução de desigualdades e das

1 Doutora em Educação pela UFSCar. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: ictbozzini@ufscar.br.

2 Doutoranda em Educação pela UFSCar. Pedagoga do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: jucons@unicamp.br

3 Doutora em Educação pela UFSCar. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: cavprudencio@uesc.br



violências, pois os grupos de mulheres são seguros e possibilitam o desenvolvimento da solidariedade entre as mulheres.

Palavras-chave: educação da mulher; relações dialógicas; educação para a prevenção; direitos da mulher; estudo em grupo; educação preventiva

THE ROLE OF WOMEN'S GROUPS IN DIFFERENT CONTEXTS AND THE NIASE WOMEN'S GROUP

Abstract

Women's groups have enabled the expansion of women's struggle for rights and against violence in different spaces. Among the struggle movements, we highlight MeToo in universities, an international movement for the end of harassment against women in universities, reducing inequalities in different areas. In this article, we present the NIASE women's group from its beginning until the present moment, relating our actions to other women's groups in Brazil and in the world. This historical rescue in NIASE and other women's groups allowed us to reflect on the role of these spaces in reducing inequalities and violence, because women's groups are safe and enable the development of solidarity among women.

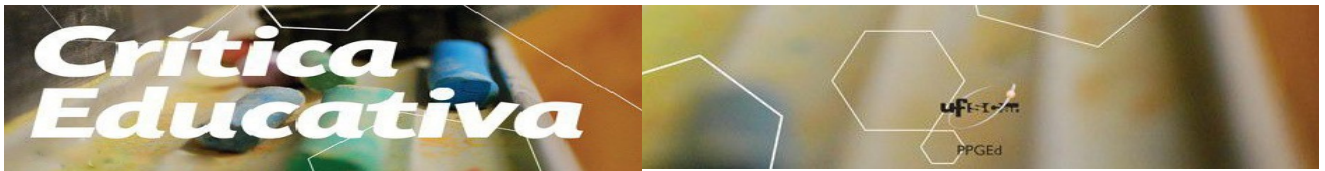
Keywords: Womens Education; Prevention; Heterogeneous Grouping; Abused Women; Sororities; Feminism; Womens Rights

EL PAPEL DE LOS GRUPOS DE MUJERES EN DIFERENTES CONTEXTOS Y EL GRUPO DE MUJERES DE NIASE

Resumen

Los grupos de mujeres han permitido ampliar la lucha de las mujeres por sus derechos y contra la violencia en distintos espacios. Entre los movimientos de lucha, destacamos el *MeToo* en las universidades, un movimiento internacional para el fin del acoso contra las mujeres en las universidades, reduciendo las desigualdades en diferentes ámbitos. En el artículo, presentamos el grupo de mujeres NIASE desde su surgimiento hasta el momento actual, relacionando nuestras acciones con otros grupos de mujeres existentes en Brasil y en el mundo. Esta revisión histórica en NIASE y otros grupos de mujeres nos permitió reflexionar sobre el papel de estos espacios en la reducción de las desigualdades y la violencia, ya que los grupos de mujeres son seguros y permiten el desarrollo de la solidaridad entre mujeres.

Palabras clave: Derechos de la mujer; Educación de la mujer; Igualdad de género; Feminismo; Organización femenina



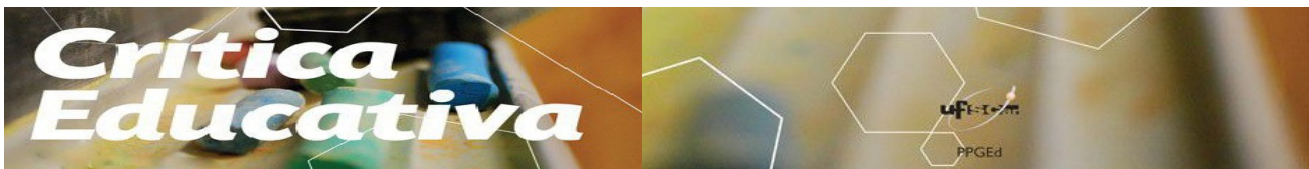
1. Introdução

Diante das desigualdades de gênero e da violência contra meninas e mulheres que ainda persistem socialmente, é fundamental a existência de pesquisas e ações no sentido de prevenir e superar essas questões. Ao longo dos 20 anos do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), uma das ações existentes com o intuito de contribuir com uma sociedade mais justa e igualitária são os grupos de mulheres, foco deste artigo.

Entendemos a necessidade da existência de grupos de mulheres em diferentes contextos, inclusive no âmbito acadêmico, devido à situação de exploração e violência que envolve as mulheres no Brasil e no mundo. Segundo dados do Atlas da Violência, as mortes violentas de mulheres, em nosso país cresceram 21% entre 2018 e 2019 (CERQUEIRA *et al*, 2021). Os dados referentes a 2021 apontam também uma redução de feminicídios no Brasil, mas nos mesmos termos indicados sobre 2019. No entanto, todos os outros índices aumentaram: registros de ameaças, taxas de lesões corporais em violência doméstica, crimes de assédio e importunação sexual (MARTINS; LAGRECA; BUENO, 2022).

Os casos de estupro no Brasil somaram mais 288 mil vítimas apenas em 2021. Este número ainda é incerto, já que é provável a subnotificação. Destes casos, 88,2% são meninas e mulheres (nas mais variadas faixas etárias), sendo que mais da metade das vítimas tinha até 13 anos de idade (IPEA, 2020). Ao contrário do que muitos pensam, em cada 8 de 10 casos de violência sexual no Brasil quem comete essa violência é uma pessoa conhecida da vítima, seja familiar, colega ou o próprio parceiro da vítima; assim, “a denúncia se torna um desafio ainda maior para as vítimas” (BUENO *et al*, 2022, p. 6). O aumento desses índices pode indicar também que um maior número de mulheres se sente segura para denunciar e procurar ajuda em comparação a décadas anteriores, já que atualmente a ocorrência desses casos possui maior repercussão na mídia, além de grupos de apoio espalhados pelo país.

Os alarmantes índices de violência em nosso país também demonstram a necessidade de ações de prevenção de violência em diferentes âmbitos. E os grupos de mulheres têm sido uma possibilidade para ampliar estudos e ações nesse sentido.

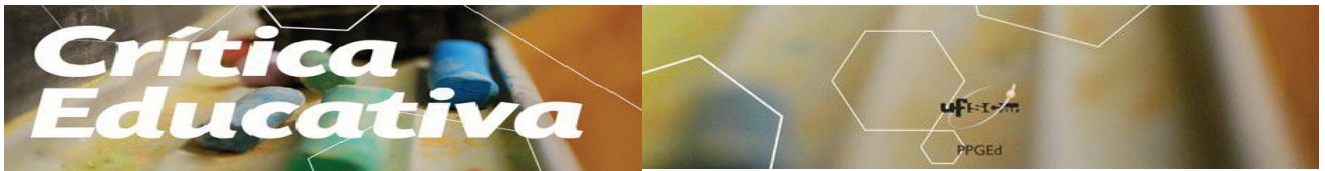


A violência muitas vezes está associada ao fato de as mulheres serem consideradas propriedades masculinas. Este aspecto é muito presente em uma sociedade machista como a nossa. Nesse sentido, a violência atinge a todas as mulheres, mas de forma e intensidade diferentes. Não podemos deixar de dizer que há um recorte de classe, de cor e raça, de orientação e identidade sexual. As mulheres mais pobres, as mulheres negras, indígenas, as mulheres trans, por exemplo, são atingidas de forma diferenciada e com mais intensidade pela violência e pelas desigualdades sociais. Estes aspectos são vistos em diferentes espaços, inclusive na universidade.

Nesse sentido, as desigualdades acontecem também no contexto de pesquisa e carreira científica. Há uma desigualdade de gênero histórica na ciência, e isso demonstra-se na progressão científica mais lenta para as mulheres e menor participação em cargos de decisão, por exemplo. A pandemia por Covid-19 deixou mais visível a desigualdade existente entre mulheres e homens cientistas, sendo que o impacto desse período não foi igual para todos. Dados mostram que pesquisadoras brasileiras mães e pesquisadoras negras, independentemente da maternidade, foram o grupo de pessoas que tiveram mais dificuldade em dar continuidade às suas produções científicas no período da pandemia (STANISCUASKI *et al.*, 2021; CARPES *et al.*, 2022). Um exemplo disso é a menor submissão de artigos por mulheres no período de isolamento físico, em que 40% das mulheres sem filhos relatam não ter concluído nenhum artigo e 52% das mulheres com filhos relatam não ter concluído artigos; ao passo que apenas 20% dos homens sem filhos e 38% dos homens com filhos relataram o mesmo (STANISCUASKI *et al.*, 2021).

Outro aspecto cruel é a representatividade de mulheres negras na docência nas universidades. Um simples olhar para nossos professores e professoras na universidade aponta que poucos eram negros e que mulheres negras eram ainda mais raras. Pesquisa realizada na UFSCar na área de Química nos quatro *campi* da universidade por análise fenotípica, ou seja pelas características identificadas pelas pesquisadoras, apontou que, de 129 docentes com formação inicial em Química, 120 eram brancos, 3 orientais e apenas 1 era negro, no caso uma mulher negra; 5 não foram identificados por não possuírem fotos em seus perfis. Deste mesmo total, 38% aproximadamente eram mulheres (PEREIRA; BOZZINI, 2022).

Dentro dessa compreensão, neste artigo abordaremos sobre a história do grupo de mulheres do NIASE, bem como atuações relacionadas a ele que buscam promover e fortalecer grupos de



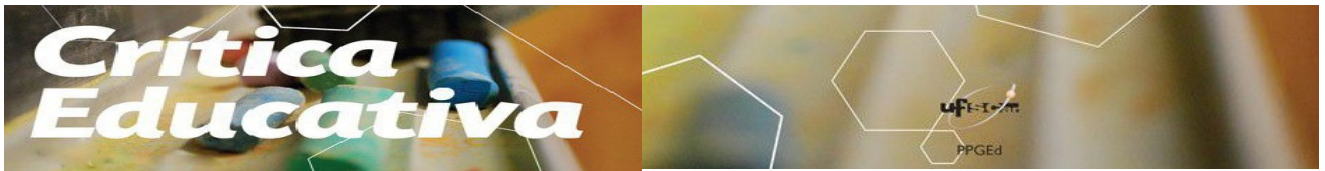
mulheres em diferentes contextos, visando a prevenção de violência de gênero e a superação de desigualdades de gênero. Assim, por que a necessidade de representatividade de diferentes grupos em diferentes espaços? Entendemos, assim como Mello e colaboradoras (2020), que a diversidade é fonte de riqueza humana. O Brasil é um país multicultural historicamente, mas transformar esta retórica em respeito e superação das desigualdades entre diferentes grupos é urgente. O diálogo entre diferentes é o que pode promover maior aprendizagem e possibilidade de superação das adversidades impostas historicamente para diferentes grupos.

O grupo de mulheres do NIASE, criado em 2007, está inserido no eixo de trabalho do NIASE denominado “Prevenção de Violência e Educação Antirracista”. Caracteriza-se pela reunião de mulheres do NIASE que, a partir de sua diversidade, dialogam a respeito de diferentes temas que perpassam suas vidas, bem como propõem ações que buscam superar tanto os diversos tipos de violências a que estão submetidas, quanto as desigualdades ainda existentes. A constituição de um grupo de mulheres diverso, com mulheres de raças, cores, religiões, orientações sexuais, identidades de gênero, classes sociais e idades diferentes, tem possibilitado a aprendizagem de todas as envolvidas e o fortalecimento dos laços que nos unem na defesa de direitos e na prevenção de violência contra as mulheres. Os diálogos orientam-se pelos princípios da Aprendizagem Dialógica e do Feminismo Dialógico, tendo como base as evidências científicas existentes sobre os temas discutidos. Atualmente, os encontros do grupo ocorrem quinzenalmente e o foco é o estudo e aprofundamento de temas relacionados à violência contra mulheres, acolhimento das mulheres do grupo sobre a temática e desenvolvimento de ações junto à comunidade acadêmica e externa à universidade.

O objetivo deste artigo é caracterizar o Grupo de Mulheres do NIASE, abordando seu histórico e atuação, a partir da análise das memórias, relatórios de atividades de extensão e outros projetos desenvolvidos pelo grupo, além de estabelecer relações com outros grupos de mulheres.

2. Aprendizagem Dialógica e Feminismo Dialógico

A Aprendizagem Dialógica, que orienta os diálogos e ações do grupo de mulheres do NIASE, é um conceito elaborado por Ramón Flecha, junto à *Community of Researchers On*

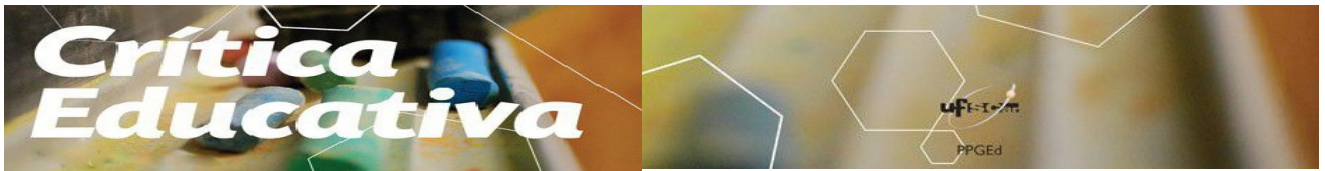


Excellence for All (CREA - Universidade de Barcelona). A partir de pesquisas e práticas sociais tem-se demonstrado que, por meio de “um diálogo dirigido a alcançar acordos a respeito de esferas da realidade e da vivência de sentimentos, as pessoas resolvem situações problemáticas e aprendem profundamente [...]” (AUBERT *et al.*, 2018, p. 25).

Com base em evidências científicas e no diálogo com coletivos e movimentos sociais, observa-se como as interações e o diálogo igualitário ajudam a promover transformações sociais e melhorar a vida das pessoas. A Aprendizagem Dialógica se baseia em sete princípios (diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, aprendizagem instrumental, solidariedade e igualdade de diferenças), os quais operam em conjunto para atingir as máximas aprendizagens, promover um convívio respeitoso e superar desigualdades educacionais.

A concepção de Aprendizagem Dialógica é fundamental para orientar a concepção de feminismo utilizada pelo grupo, o Feminismo Dialógico. Este propõe o diálogo entre todas as mulheres (de diferentes níveis de escolaridade, classes sociais, raças, etnias, idades, religiões, identidades de gênero e orientações sexuais) para superar as desigualdades. A partir do **diálogo igualitário**, o diálogo entre as mulheres baseia-se no poder do argumento, e não na posição de quem fala; a **inteligência cultural** ajuda a compreender que todas as mulheres são capazes de analisar sua realidade e tomar decisões; a partir do diálogo e solidariedade entre as mulheres, é possível realizar **transformação** em suas vidas e nas estruturas; nesta compreensão, a **dimensão instrumental**, ou seja, o acesso aos conhecimentos escolares/científicos é fundamental e um direito a se fazer valer na vida de todas as meninas e mulheres, a partir dessas transformações e de relações solidárias, a **criação de sentido** em suas ações individuais e coletivas é fortalecida, sendo que as relações de **solidariedade** estabelecidas entre as mulheres são fundamentais para transformar suas vidas e a sociedade; a **igualdade de diferenças** se faz existir à medida em que a busca pela igualdade e por uma vida livre de violência é feita a partir da pluralidade de vozes das mulheres, sem homogeneização.

O feminismo dialógico é uma resposta à exclusão de mulheres de classes populares da educação por questões familiares, culturais e econômicas. Em geral, os sistemas educativos têm tratado estas mulheres como incapazes de aprender, dificultando seu desenvolvimento intelectual e transformação pessoal (FLECHA-FERNÁNDEZ; ELBOJ-SASO, 2002). Assim, nas palavras das



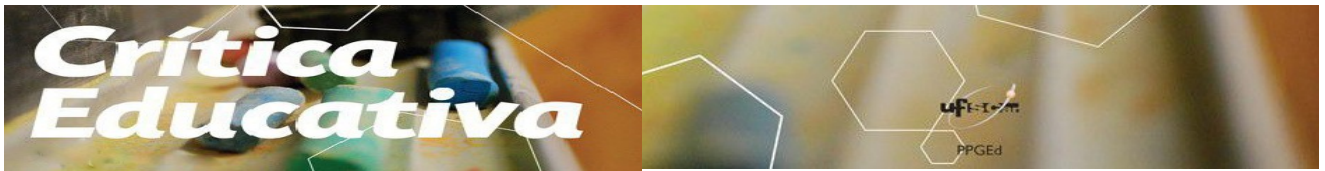
autoras, “o feminismo dialógico é o compromisso com um feminismo universal e a luta pela igualdade de oportunidades para todas as mulheres, respeitando as diferentes identidades e experiências” (FLECHA-FERNÁNDEZ; ELBOJ-SASO, 2002, p. 161, tradução nossa), o que implica envolver mulheres acadêmicas e não acadêmicas.

Se o diálogo é o encontro de diferentes lógicas, o que permite, de um lado, ampliação e maior compreensão da realidade, e, de outro, a possibilidade de nos educarmos permanentemente, na medida em que revemos o que pensamos ao nos deparar com lógicas distintas, o feminismo dialógico se apresenta na direção de refletir sobre diferentes lógicas possíveis em torno do ser mulher. Dessa forma, busca a radicalização do diálogo entre diferentes mulheres para que possam pensar juntas em como transformar as relações de gênero em busca de igualdade. (CHERFEN; MELLO; SANTOS, 2010, p. 4).

Ouvir as vozes de todas as mulheres - incluindo aquelas que sempre foram excluídas, pelos motivos já citados, denominadas “As Outras Mulheres”, por Lúcia Puigvert (2001) ao identificar a exclusão das mesmas em espaços de decisão e discussões feministas - é extremamente necessário para superarmos as desigualdades sociais sejam de gênero, de classe, de raça, dentre outras, bem como a intersecção entre elas.

Na Espanha, o CREA vem trabalhando em diferentes coletivos com a Aprendizagem Dialógica. Dentre estes coletivos, Flecha-Fernandes e Elboj-Saso (2002) descrevem o grupo de mulheres de FACEPA (*Federación de Asociaciones Culturales y Educativas de Personas Adultas*), cujo objetivo central é o encontro de mulheres com ou sem estudo para dialogar sobre a situação de submissão das mulheres, refletindo e atuando para que possam romper com esta situação. Segundo Cherfen, Santos e Mello (2009), a criação do grupo de mulheres foi uma reivindicação das mulheres da FACEPA, que escreveram um manifesto pedindo condições para evitar a exclusão das pessoas:

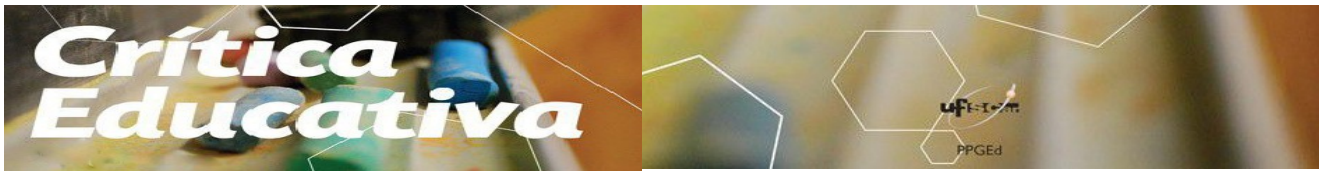
Seis critérios foram consensuados neste manifesto: 1) necessidade de fomentar espaços nos quais estejam presentes as vozes dessas mulheres; 2) necessidade de fomentar a solidariedade entre as mulheres; 3) criar um movimento de mulheres diferentes com objetivos comuns; 4) buscar a superação da tripla exclusão (mulher, sem formação acadêmica, pertencente a culturas e religiões não dominantes); 5) buscar informações sobre os direitos das mulheres; 6) superação das relações de poder por relações de igualdade baseadas no diálogo (CHERFEN; SANTOS; MELLO, 2009, p.8).



Um outro exemplo, ligado ao CREA e aos grupos de mulheres, se relaciona à constituição da rede *MeToo* nas universidades espanholas. Apesar de não ter este nome inicialmente, a luta do CREA dentro da Universidade de Barcelona adquire grande visibilidade a partir de denúncias realizadas pelo grupo contra professores abusadores que atuavam há muito tempo na universidade (JOANPERE *et al.*, 2022). Esta luta contra docentes e estudantes abusadores resultou numa contrapartida dos agressores, que com apoio de colegas realizaram campanhas de difamação contra denunciante e a rede de apoio destes, o que acabou sendo identificado inicialmente como abuso de segunda ordem, hoje denominado de violência de gênero isoladora. A violência isoladora promove a retaliação/difamação das pessoas que acolhem vítimas de violência na tentativa de fragilizar e isolar ainda mais a vítima e impedir que ela siga adiante com as denúncias dos abusos ou assédios. A dor causada às vítimas ao perceber que seus amigos/as e familiares estão sendo atacados por conta da violência sofrida por ela gera danos muito graves a alguém que já está fragilizada emocionalmente (VIDU *et al.*, 2021).

Já na década de 2000, para superar essa cultura de abusos dentro das universidades espanholas, várias ações foram realizadas, uma delas organizada pelo grupo de mulheres Sappho do CREA, que criou a Plataforma contra a Violência de Gênero. O grupo desenvolveu várias ações, desde palestras e conferências, até a quebra do silêncio dentro da universidade e a realização de pesquisas diagnósticas para levantar os abusos identificados pela comunidade universitária. Apenas em 2007, o parlamento espanhol aprovou uma legislação que obriga universidades espanholas a reconhecer que tiveram assédio interno e a tomar medidas para superação de violência nesses espaços (JOANPERE *et al.*, 2022).

Diante do silêncio da universidade, já em 2013, uma rede foi criada para enfrentar esse tipo de violência, a Rede Solidária de Vítimas de Violência de Gênero em Universidades e, por meio dela, várias mulheres foram às mídias denunciar assédios sexuais sofridos na universidade. Com a repercussão do caso, a universidade foi obrigada a dar andamento às denúncias recebidas. No entanto, o caso da pesquisadora Ana Vidu chama atenção: em 2011 ela denunciou um professor por assédio sexual, tendo inclusive e-mails como prova. Ela sofreu todas as represálias indicadas anteriormente, como a violência isoladora contra seus amigos e familiares também. Em 2017, sua tese de doutorado sobre violência de gênero na universidade foi lida pela reitoria antes de passar



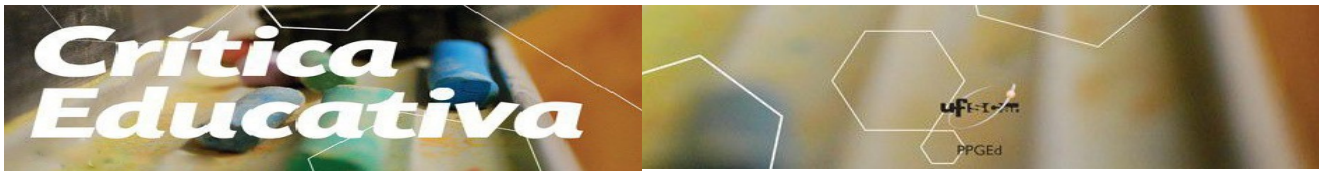
pela banca e ela teve de atender à exigência do reitor e inserir trechos destacados por ele antes da defesa (JOANPERE *et al.*, 2022). Segundo Joanpere e colaboradoras (2022), foi também em 2017 que o Movimento *MeToo* foi fundado internacionalmente e a Rede de Solidária acabou adotando o nome *MeToo university*. Esta rede vem conseguindo ampliar a proteção das mulheres nas universidades, influenciando parlamentares e governantes com suas pesquisas científicas de alto impacto e suas ações de denúncia e apoio às vítimas.

No Brasil, um grupo de mulheres que tem se destacado na luta contra a violência de gênero em diferentes espaços é o das Promotoras Legais Populares (PLP). Para Santos (2014, apud RICOLDI, 2005⁴), o termo foi apresentado oficialmente pela primeira vez na Conferência das Mulheres das Nações Unidas em 1985 (Nairobi). Segundo Bonetti (2000), as PLP surgiram na região sul do Brasil, na década de 1990. A região sul, principalmente o estado do Rio Grande do Sul, vivenciava grande efervescência política com o período pós-ditadura e com a eleição e atuação de governos populares que incentivaram a participação popular em diferentes esferas. Nessa época já existiam alguns grupos feministas no estado, que se transformaram em Organizações Não Governamentais (ONG), os quais lutavam pelos direitos humanos das mulheres. A participação das coordenadoras desses grupos na conferência do Comitê Latino Americano para a Defesa dos Direitos das Mulheres (CLADEM) foi muito importante para a composição das PLP, pois foi quando conheceram projetos de "Capacitação Legal para Mulheres". A partir daí que decidiram organizar o curso das PLP, objetivando “a constituição de redes femininas de informação sobre os direitos das mulheres nos setores urbanos de baixa renda, além da multiplicação destas informações a um número cada vez maior de mulheres” (BONETTI, 2000, p.14).

No site da ONG Themis, uma das citadas por Bonetti (2000) e Santos (2014), encontramos que:

O programa de formação das PLPs é um efetivo instrumento de afirmação e disseminação dos direitos humanos das mulheres, particularmente em relação à violência doméstica e aos direitos sexuais e direitos reprodutivos. O programa firmou-se como uma política pública não estatal. Começou na capital gaúcha, Porto Alegre, em 1993, e, 20 anos depois, está implementado em 14 municípios do Estado do Rio Grande do Sul e em 11 estados brasileiros. (THEMIS, 2022, s/p).

4 RICOLDI, A. M.. A experiência das Promotoras Legais Populares de São Paulo: Gênero e cidadania. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2005.

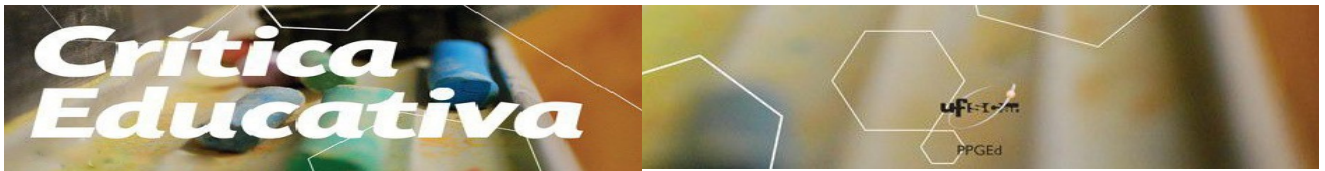


O NIASE também tem contribuído com a formação das PLPs e constituído grupos de mulheres ao longo de sua existência. Esses grupos serão descritos nos resultados deste trabalho, por meio do qual tentamos reconstituir suas histórias ao longo do tempo. Nesses vinte anos de existência, os grupos de mulheres têm se dedicado a discutir questões que nos impactam, bem como possibilidades de superação da desigualdade e da violência que atinge as mulheres em nosso país, em diálogo com pesquisas nacionais e internacionais.

Uma das questões abordadas e discutidas a partir do grupo de mulheres é a questão das relações afetivo-sexuais. Segundo Puigvert e colaboradores (2019), pesquisas realizadas sobre as relações afetivo-sexuais têm demonstrado que há um discurso coercitivo dominante que apresenta o comportamento violento socialmente como sexy, atraente, excitante. Dessa forma, estamos a todo o tempo sendo socializadas e socializados para a violência, seja por meio de filmes, séries, materiais publicitários, novelas, seja em reuniões de bairro, na escola etc.

A pesquisa, realizada em diferentes países da Europa de contextos diferentes, demonstra que as garotas tendem a identificar garotos com comportamento mais violento, como mais atraentes do que aqueles não violentos (PUIGVERT *et al.*, 2019). Se, por um lado, é uma notícia que pode nos causar medo, o lado positivo dessa história é que podemos aprender a rechaçar o comportamento violento, e a violência em todos os seus aspectos, de modo a vivenciar relacionamentos mais saudáveis. Nesse sentido, as autoras e o autor propõem a socialização preventiva com jovens, utilizando uma linguagem do desejo para auxiliá-las/os em suas escolhas, ou seja, ajudar a refletir porque sentimos desejo por determinados tipos de pessoas e não sentimos por outros. É necessário evidenciar como os espaços em que convivemos e as mídias com que temos contato nos ensinam desde crianças a achar alguns tipos de pessoas mais atraentes (valentões, aqueles que infringem regras, agressivos, etc.). Essa abordagem tem tido melhores resultados do que a linguagem da ética, normalmente utilizada pela família e pela escola. Desta forma, a linguagem da ética não precisaria ser apartada da do desejo, como se fossem opostos absolutos, pois ambas podem dialogar entre si.

Outro aspecto importante na prevenção de violência está relacionado ao desenvolvimento de boas amizades. Diferentes pesquisas apontam que ter boas amizades, ou seja, pessoas que se cuidam mutuamente e se solidarizam umas com as outras, é um importante fator protetivo em relação a diferentes tipos de violência (LEADBEATER *et al.*, 2008; NAVARRO; YUBERO;



LARRAÑAGA, 2015; RACIONERO, 2018). Quando as pessoas estão isoladas, aumenta-se o risco de sofrerem violência, sendo que é muito difícil superar uma relação abusiva/violenta de forma solitária. Ao contrário, uma amizade de qualidade, que não normaliza a violência nas relações, pode atuar como um fator de proteção contra violência de gênero (LEADBEATER *et al.*, 2008; SANTOS; MURTA, 2016). .

Nesse sentido percebemos a importância que os grupos de mulheres podem ter inicialmente no acolhimento de vítimas e acompanhamento do desenrolar de todo o processo, bem como trazer estas temáticas para uma maior visibilização, rompendo o silêncio em diferentes espaços e possibilitando o fortalecimento das vítimas e redes de proteção, além de desencadear pesquisas e atuações políticas na superação de violência contra as mulheres.

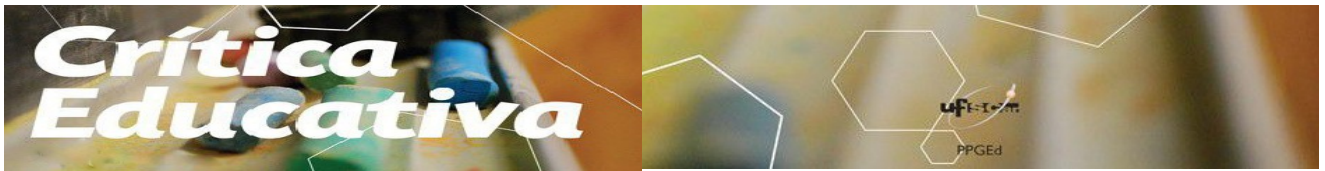
3. Metodologia

Neste artigo trazemos um pouco da história dos grupos de mulheres já constituídos pelo NIASE ao longo dos anos, utilizando artigos publicados, relatórios individuais de participantes do grupo e projetos e relatórios do grupo presentes na plataforma Proexweb da Universidade Federal de São Carlos. Além disso, destacamos as memórias das participantes e autoras deste artigo sobre os temas trabalhados ao longo dos anos.

4. Resultados

Diante das desigualdades de gênero ainda existentes no contexto social atual, refletido nos diferentes contextos, criar um grupo de mulheres do NIASE foi uma ação muito importante para buscar fortalecer as mulheres do grupo de pesquisa e também contribuir com o fortalecimento de mulheres de outros locais dentro e fora da universidade. Neste item descreveremos um relato histórico do início do grupo de mulheres do NIASE e suas principais ações desde seu surgimento.

Desde o ano de 2007 as professoras, estudantes de graduação e pós-graduação integrantes do NIASE realizam encontros para dialogar temas que perpassam a vida das mulheres, com o objetivo de compartilhar ideias e experiências, buscando se fortalecer enquanto mulheres e fortalecer suas ações de transformação social. Por algum tempo, estes encontros entre as mulheres do grupo ocorreram nos momentos de Jornadas do NIASE - encontro de planejamento semestral do grupo de



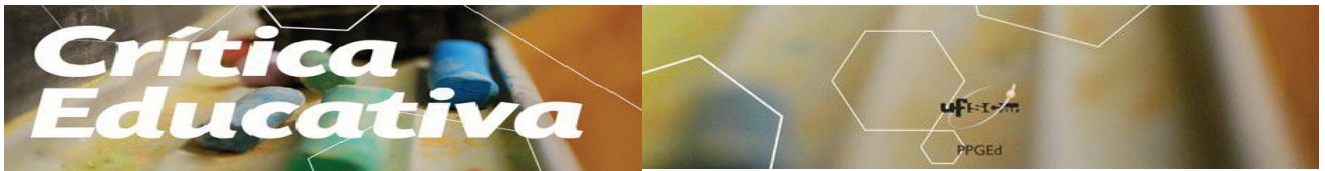
pesquisa, com todos e todas integrantes. O grupo de mulheres do NIASE reuniu-se desta maneira, presencialmente, desde sua criação.

Com o advento da pandemia por Covid-19 e a necessidade de isolamento social, os encontros passaram a ser virtuais e com maior frequência (quinzenais), pela necessidade sentida de estreitar as interações entre as mulheres do grupo, num contexto tão desafiador. Os encontros virtuais possibilitaram a participação tanto de pessoas de diferentes cidades, estados e, inclusive integrantes residentes em outros países. Atualmente, o grupo de mulheres do NIASE continua desenvolvendo-se virtualmente, a cada quinze dias, com as participantes do NIASE, envolvendo professoras universitárias e da educação básica e estudantes de graduação e pós-graduação, sendo que as participantes são diversas também em relação a raça, orientação sexual, religiosidade etc. Nesses encontros são dialogados sobre temas que perpassam a vida das diferentes mulheres, a partir da leitura de artigos/livros de base científica, e também são discutidas e formuladas ações visando a prevenção de violência contra meninas e mulheres, e a diminuição das desigualdades de gênero existentes.

Antes de discorrer sobre o desenvolvimento das ações mais recentes do grupo de mulheres do NIASE, traçaremos um breve histórico das atuações com as quais o grupo de mulheres do NIASE teve envolvimento, desde o ano de sua criação, 2007.

O ano de criação do grupo de mulheres do NIASE coincide com a criação, no âmbito do grupo de pesquisa, do Grupo de Ação e Estudos de Gênero e Feminismo Dialógico, hoje renomeado como o eixo de Prevenção de Violência de Gênero e Educação Antirracista. As ações específicas deste eixo estão detalhadas em artigo deste dossiê. Como o grupo de mulheres do NIASE originou-se vinculado a esse eixo de trabalho, desde 2007 o grupo de mulheres contribuiu com ações articuladas ao eixo no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Um exemplo de ação de extensão é o desenvolvimento, também em 2007, de um grupo de mulheres em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), em uma cidade do interior de São Paulo, envolvendo mulheres acadêmicas e não acadêmicas. Os encontros eram mensais com a duração de duas horas (CHERFEN; SANTOS; MELLO, 2009). Segundo as autoras, nesses encontros eram combinados com as participantes o sigilo sobre os temas e casos relatados, garantindo um espaço de segurança e confiança para as participantes. Como outras ações de

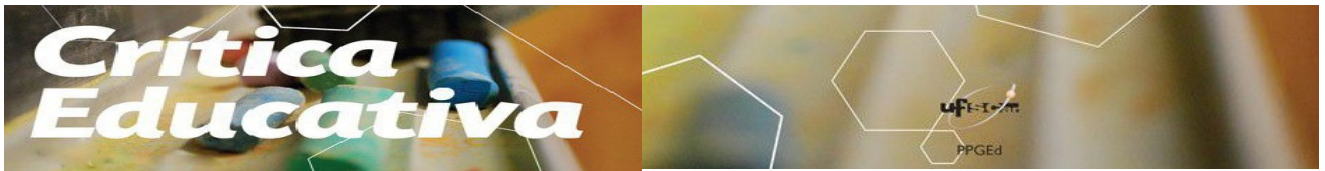


extensão, por vários anos houve o fomento e o fortalecimento de grupos de mulheres fora da universidade, com mulheres acadêmicas e não acadêmicas, em uma escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA), dois grupos de mulheres em um assentamento rural (neste caso, articulado também com a temática da economia solidária como um meio para autonomia financeira das mulheres assentadas), além do fomento e acompanhamento de grupos de mulheres em diferentes Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) da cidade.

Para detalhar um pouco mais estes eventos, em 2009, foram realizadas oficinas em 3 dias (06 a 08 de abril), envolvendo sete diferentes espaços de uma cidade do interior de São Paulo. Duas escolas de Educação de Jovens e Adultos, um assentamento e quatro CRAS. Estas ações faziam parte da programação da Divisão de Políticas para as Mulheres ligada à Secretaria de Assistência Social deste município.

Em 2010, o projeto “Economia Solidária e Aprendizagem Dialógica em Assentamentos Rurais: práticas econômicas, culturais e educativas com organizações produtivas de mulheres” foi realizado em dois municípios do interior de São Paulo. Os grupos de mulheres nesses espaços aconteciam uma vez por mês com a duração de 2 horas em cada lugar. Estes espaços eram utilizados para a reflexão e ação, partindo dos conhecimentos, experiências e interesses das participantes. Os encontros promoviam o diálogo entre mulheres com o objetivo de estabelecer laços de solidariedade, trocar experiências, estudar temáticas sobre economia solidária, feminismo dialógico e a perspectiva dialógica da extensão universitária. Neste mesmo ano as oficinas relacionadas à superação da desigualdade de gênero foram realizadas em diferentes espaços (CRAS, escolas públicas e universidade). A partir desta oficina, o NIASE foi convidado para ministrar uma formação em feminismo dialógico na Semana da Educação da UFSCar, a qual ocorreu no mês de maio de 2010.

Também em 2010, o NIASE organizou o III Seminário Mulheres e Transformação Social (SANTOS, 2014), para o qual convidou as PLPs de São Carlos que acabavam de finalizar o primeiro curso de formação. Desde então o NIASE passa a apoiar este importante grupo de mulheres, auxiliando na formação de mulheres por meio de palestras e diálogos em diferentes momentos sobre a temática da prevenção da violência. Estes encontros têm acontecido semestral ou anualmente, de acordo com as demandas das turmas formadas pelas PLP. Também em conjunto a



este coletivo, foi desenvolvida na universidade uma roda de conversa sobre a Lei Maria da Penha, aberta à comunidade acadêmica e à comunidade externa.

Em 2012, o NIASE enviou um projeto, com duração de dois anos, à Secretaria de Políticas para Mulheres, da Presidência da República, no edital referente ao apoio a organismos de promoção de direitos e de políticas para as mulheres. O objetivo deste projeto, denominado “**Feminismo Dialógico: fortalecimento do diálogo entre as mulheres**” foi exatamente fortalecer as ações já desenvolvidas pelo NIASE referentes à prevenção de violência contra as mulheres. Além disso, por meio do projeto foram criados mais dois grupos de mulheres em escolas públicas da cidade. A partir deste projeto foi possível ainda promover uma formação complementar de mulheres de acordo com demandas apresentadas nos grupos de mulheres existentes como inclusão digital, cursos, palestras, oficinas, visitas dirigidas, vídeo fóruns, etc.

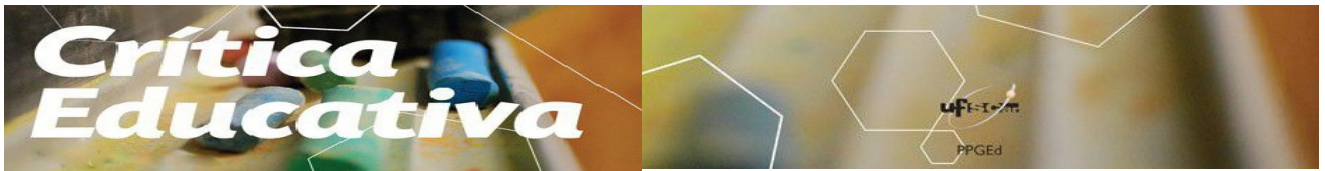
Em suma, as atividades de extensão envolveram nestes anos a comunidade fora da universidade, a partir de tertúlias dialógicas sobre temas relacionados à condição da mulher, formações em escolas e em diretorias de ensino, cursos abertos para comunidade interna e externa à universidade.

Considerando as atuações mais recentes do grupo de Mulheres do NIASE, destacamos as ações relacionadas à prevenção de violência contra mulheres na universidade. Este é um tema imprescindível, uma vez que nacional e internacionalmente se reconhece que muitas estudantes enfrentam episódios de violência sexual e outros tipos de violência no contexto universitário, o que mostra que este tampouco é um ambiente seguro para as mulheres (VALLS *et al.*, 2016).

Com o intuito de contribuir para a prevenção da violência contra as mulheres no ambiente universitário, uma das iniciativas atualmente do Grupo de Mulheres do NIASE é a criação de uma rede de solidariedade às vítimas de violência de gênero na universidade, no contexto brasileiro. Essa rede integra-se ao movimento “*Me too* na universidade”⁵, existente em outros países, com o objetivo de apoiar as mulheres que sofreram algum tipo de violência na universidade, ajudá-las a lidar com esta situação e evitar seu isolamento.

Desde 2020, o grupo de mulheres do NIASE tem se dedicado a questões da violência na universidade, inserindo leituras e reflexões mais aprofundadas sobre o tema e desenvolvendo ações

⁵Para mais informações sobre redes de solidariedade às vítimas de violência de gênero, indica-se o site da Rede de Solidariedade de Vítimas de Violência de Gênero da Espanha: <https://redsolidariadevictimasvdgunis.blog/>.



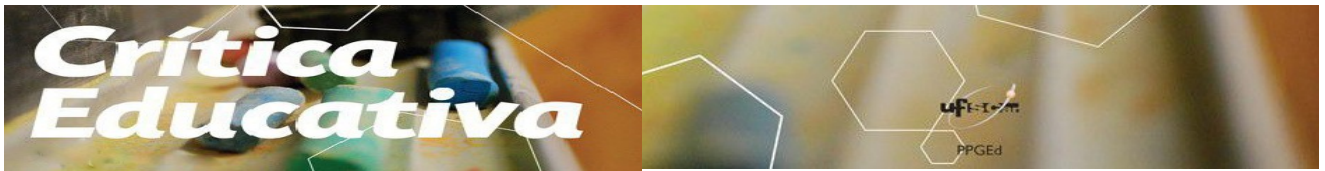
nas redes sociais e na universidade. O grupo tem se dedicado a estudos sobre a Lei Maria da Penha e outros direitos das mulheres e transformou os estudos em material a ser divulgado em diferentes redes sociais. Além disso, as ações passaram a ser realizadas em dois *campi* da universidade, incentivando mulheres a escolherem com cuidado as residências (as “repúblicas”) em que iriam morar, levando em conta a segurança do espaço, a “cultura de trotes” e os canais na universidade e na sociedade civil para a denúncia de assédio e abusos, etc.

Neste mesmo período, diversas palestras sobre prevenção de violência vem sendo realizadas nos dois *campi*, tanto na recepção de calouras e calouros como nas jornadas acadêmicas de diferentes cursos de graduação e de pós-graduação. Nossos objetivos são: alertar para as possíveis violências dentro da universidade, incentivar as vítimas a denunciarem seus agressores, organizar redes de proteção às vítimas de violência direta e às vítimas de violência de gênero isoladora. Todos esses objetivos se unem a um propósito maior de criar um ambiente universitário seguro para todas as pessoas e livre de violências.

No âmbito do ensino, o grupo de mulheres do NIASE contribuiu, e ainda contribui, com a disciplina de Feminismo Dialógico, ofertada a diferentes cursos de graduação da universidade, em modelo presencial e remoto. No âmbito da pesquisa o grupo de mulheres envolve-se no desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses sobre a temática, bem como a confecção de artigos para periódicos e eventos científicos nacionais e internacionais.

Com relação aos trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e artigos) publicados nesse contexto da prevenção de violência contra as mulheres, ressaltamos que, inicialmente eles estavam mais focados na questão dos direitos das mulheres (RODRIGUES DE MELLO, 2014; SANTOS, 2014). Porém, com o tempo, todos os textos (FREITAS, 2021; MELLO *et al.*, 2021a; 2021b; PUIGVERT-MALLART *et al.*, 2020; BACHEGA *et al.*, 2019; BELLINI, 2018; PREZENSZKY *et al.*, 2018) passam a trazer a questão da violência contra as mulheres, bem como elementos que possibilitam sua superação e prevenção, em diversos espaços apontando, inclusive, a escola e os cursos de formação de professores nesse processo.

No entanto, todas as produções apontam para a necessidade de a sociedade ser menos tolerante em relação à violência. Desde que nos reconhecemos como pessoas no mundo, e até mesmo antes de nascermos, sofremos influência de todas as interações sociais que realizamos em



diferentes ambientes. Sociedades menos tolerantes à violência têm menor chance de que seus cidadãos sofram violência, e o inverso também é verdadeiro.

Quando tentamos justificar a violência sofrida por alguma pessoa ou grupo, estamos autorizando que a violência ocorra e se perpetue. Não importa quem foi desmoralizada/o, atacada/o, morta/o, ferida/o, abusada/o, o agressor é sempre agressor e a vítima é sempre a vítima, que deve ser acolhida. No caso específico de violência contra as mulheres não é raro que a vítima seja desqualificada e que questões como: “ela é esquisita”; “mas, olha a roupa que ela estava usando”; “ela disse não, mas, queria dizer sim”; “ninguém mandou beber”, entre outras frases, sejam utilizadas para justificar qualquer tipo de violência.

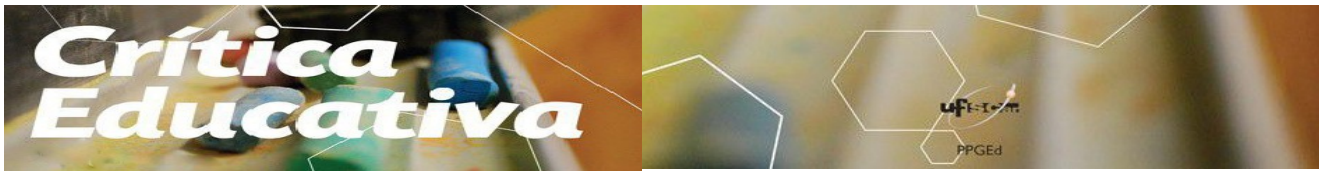
Os trabalhos analisados também trazem diversas recomendações para diferentes espaços educativos, desde aqueles que atendem crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio regulares, passando por jovens e adultos da EJA, até estudantes da universidade. Em todos os textos defende-se o direito de todas as pessoas a terem uma vida livre de violência.

Outro elemento indicado nos textos (FREITAS, 2021; MELLO *et al.*, 2021a; 2021b; BELLINI, 2018) é a potência de espaços de diálogo sobre os conhecimentos científicos a respeito de violência de gênero na prevenção e superação da violência. Espaços igualitários de diálogo ajudam a fomentar sentimentos de amizade e de solidariedade entre as participantes e, num ambiente de confiança, é possível caracterizar o que é uma relação violenta e os meios para superá-la, bem como identificar e superar crenças associadas ao discurso coercitivo dominante. Entre meninas adolescentes e jovens, o diálogo entre elas a respeito de relações afetivo-sexuais e a solidariedade estabelecida no grupo torna-se ferramenta importante para prevenção e superação de violência (PULIDO *et al.*, 2014).

Assim, nesse sentido, grupos como os de mulheres nos mais diferentes espaços fornecem um local seguro de escuta, acolhimento, formação para a vida, bem como de discussão sobre as formas de se prevenir contra essa violência.

5. Considerações finais

Ao considerarmos o contexto de desigualdades de gênero ainda presentes em diferentes contextos, como também na universidade, neste artigo resgatamos a história dos grupos de mulheres



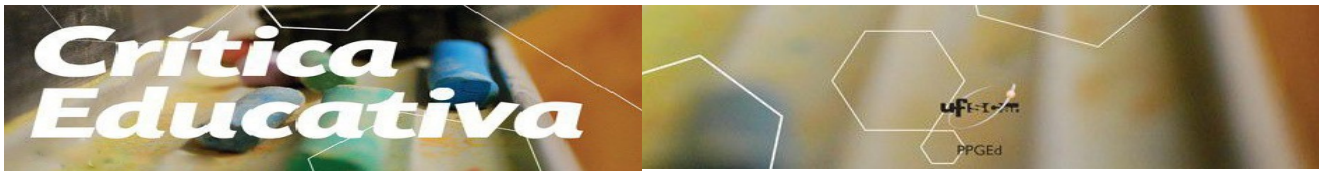
do NIASE e abordamos seu papel na criação de redes de proteção às mulheres e na produção de conhecimentos com relação à violência contra mulheres e suas possibilidades de superação.

Isto se articula com um importante elemento também levantado pelos textos, que se refere à solidariedade entre mulheres para superação de violência. Ao contrário do que nos fazem acreditar, as mulheres não são competitivas e não compreensivas umas com as outras por natureza. Nesse sentido, é possível estabelecer redes de solidariedade nas famílias, nas empresas, nos ambientes educacionais, em que as mulheres são solidárias entre si e esta relação estabelecida é o que possibilita muitas vezes que possam concluir estudos, ampliar condições de trabalho e conciliar a criação dos filhos/filhas com o trabalho fora de casa.

Neste sentido, a existência do grupo de mulheres do NIASE, que tem a aprendizagem dialógica como base para seus diálogos e ações, é algo que fortalece as mulheres participantes. O diálogo entre diferentes mulheres possibilita uma intersubjetividade que gera a reflexão sobre nossa própria vida e sobre nossa atuação no mundo. Ao dialogar sobre os desafios relacionados à nossa vida enquanto mulheres e conhecer perspectivas diferentes enriquece nossa visão de mundo e nos auxilia a aprofundar conhecimentos para poder atuar em outros contextos. O grupo de mulheres nos fortalece enquanto mulheres para atuar nos diversos espaços em que estamos (pessoal e profissionalmente) sempre a favor da vítima e contra qualquer tipo de violência.

Nos diferentes grupos de mulheres criados com apoio do NIASE foi possível promover o diálogo igualitário com diferentes mulheres, no sentido de refletir sobre a existência de desigualdades de gênero que se manifestam de diferentes formas, bem como ampliar as possibilidades de superação dessas desigualdades. A literatura aponta a importância de as pessoas saberem seus direitos para poderem superar condições de violência e nesse sentido a importância do feminismo dialógico que envolve o diálogo entre mulheres de diferentes raças, etnias, identidades sexuais, orientações sexuais, classes sociais, níveis de ensino, religiões etc. O uso de Tertúlias Dialógicas para estudo de pesquisas científicas de alto impacto têm possibilitado formação às integrantes do grupo de mulheres e também auxílio para a formação continuada em redes de ensino para professores e para estudantes de diferentes níveis educacionais.

Estas experiências apontam a necessidade de mais ações educativas e de reflexões sobre as questões de gênero, de forma que as mulheres possam refletir sobre o processo histórico de



dominação em que vivem e buscar coletivamente novas possibilidades. É preciso que as mulheres possam dialogar sobre tal realidade e se educarem para a transformação, em perspectiva preventiva. Vale ressaltar que, pela abordagem da Aprendizagem Dialógica e do Feminismo Dialógica, entendemos que as mulheres e homens podem ser coniventes com a violência. Da mesma forma, mulheres e homens podem se posicionar a favor da vítima e contra qualquer tipo de violência, ou seja, os homens não são potencialmente agressores, como muitas vezes se afirma. Este importante papel dos homens na luta contra a violência e desigualdades de gênero também é abordado no artigo sobre o Grupo de Homens do NIASE, presente neste dossiê.

Por fim, a história do *MeToo university* na Universidade de Barcelona também nos aponta a necessidade de manter constante vigilância sobre as questões da violência em relação aos diferentes grupos, pois a conquista de direitos é o primeiro passo, mas ações efetivas para que esses direitos sejam aplicados e mantidos são lutas intermináveis.

Referências

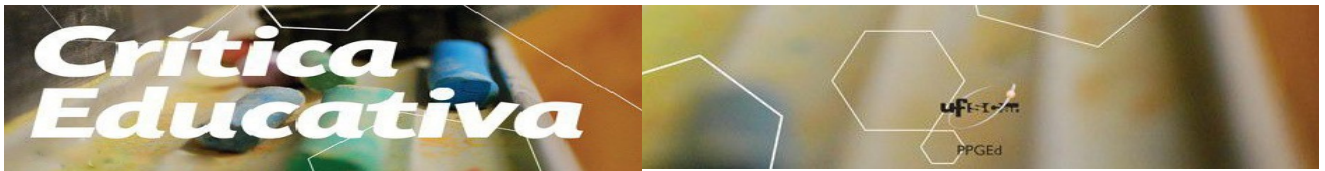
AUBERT, A.; FLECHA, A.; GARCÍA, C.; FLECHA, R.; RACIONERO, S. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

BACHEGA, D.; BELLINI, D. M. G.; GALLI, E.; MELLO, R. R. Prevenção de violência contra mulher na formação docente: análise de uma experiência.. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, p. 278-292, 2019.

BELLINI, D. M. G. **Violência contra mulheres nas universidades**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Programa de Pós-graduação em Educação, 2018.

BONETTI, A. L. Entre feministas e mulheristas: uma etnografia sobre Promotoras Legais Populares e novas configurações da participação política feminina popular em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79146/174287.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

BUENO, S.; SOBRAL, I.; BOHNENBERGER, M.; LAGRECA, A.; MARTINS, J.; SENNES, I.; CARVALHO, T.; NASCIMENTO, T. **Uma década e mais de meio milhão de vítimas da violência**. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/11-anuario-2022-uma-decada-e-mais-de-meio-milhao-de-vitimas-de-violencia-sexual.pdf>.



CARPES, P. B. M.; STANISCUASKI, F.; OLIVEIRA, L. de; SOLETTI, R. C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online]. 2022, v. 31, n. 2 [Acessado 5 Dezembro 2022], e2022354. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>>. Epub 06 Jul 2022. ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>.

CERQUEIRA, D.; FERREIRA, H.; BUENO, S. (orgs). **Atlas da Violência**, 2021. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>

CHERFEM, C. O; SANTOS, R. A.; MELLO, R. R. Grupo de mulheres: ações educativas, preventivas e de reflexões pela igualdade de gênero. In: IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - CBEU, 2009, 2009, Dourados/MS. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, 2009. Dourados/MS: UFGD, 2010. v. 1. p. 1-12. Disponível em: http://www.ceeja.ufscar.br/artigo_grupo_mulheres

CHERFEM, C. O; MELLO, R. R.; SANTOS, R. A. Feminismo dialógico: diálogo possível entre diferentes identidades para a superação de desigualdades de gênero. In: **Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis, UFSC, 2010. p.1-11. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278029520_ARQUIVO_CHERFEM_artigo_modelo.pdf

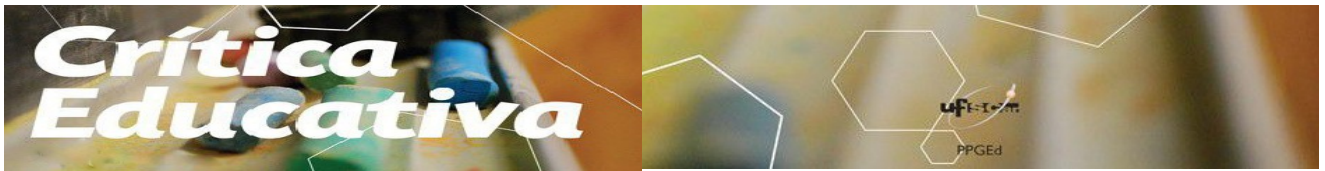
ERICKSON, F. Qualitative research methods for science education. **Springer International Handbooks of Education** 24, 2012.

FLECHA FERNÁNDEZ DE SANMAMED, Ainhoa; ELBOJ SASO, Carmen. Mujeres, aprendizaje dialógico y transformación social (2002). Contextos educativos. **Revista de educación**. Núm. 5 Pág. 159-172. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/metricas/investigadores/2543064>

FREITAS, M. B. Z. **Violência baseada na expressão de gênero e de orientação sexual na Educação Física: professores e professoras como agentes de prevenção**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Programa de Pós-graduação em Educação, 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). Atlas da violência 2020. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/>

JOANPERE, M., BURGUES-FREITAS, A.; SOLER, M.; AIELLO, E. História do Movimento Universitário MeeToo na Espanha. **Social e História da Educação**, 11(2), 181-200. <http://doi.org/10.17583/hse.10545>, 2022.



LEADBEATER, B. J.; BANISTER, E. M.; ELLIS, W. E.; YEUNG, R. Victimization and relational aggression in adolescent romantic relationships: The influence of parental and peer behaviors, and individual adjustment. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 37, n. 3, p. 359–372, 2008.

MARTINS, J.; LAGRECA, A.; BUENO, S. **Feminicídios caem, mas outras formas de violência contra meninas e mulheres crescem em 2021**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-feminicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contrameninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>

MELLO, R. R.; BRAGA, F. M.; GABASSA, V. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível**. 2ed. São Carlos: EdUFSCar, 2020.

MELLO, R. R.; BONELL, L. ; CASTRO, M. ; OLIVER, E. . 'Three Steps Above Heaven? Really? That's All Tactic!' New Alternative Masculinities Dismantling Dominant Traditional Masculinity's Strategies. **Frontiers in Physiology**, v. 12, p. 1-10, 2021a.

MELLO, R. R.; SOLER, M. ; BRAGA, F. M. ; NATIVIDAD-SANCHO, L.. Dialogic Feminist Gathering and the prevention of gender violence in girls with intellectual disabilities.. **Frontiers in Physiology**, v. 12, p. 1-12, 2021b.

NAVARRO, R.; YUBERO, S.; LARRAÑAGA, E. Psychosocial risk factors for involvement in bullying behaviors: empirical comparison between cyberbullying and social bullying victims and bullies. **Sch. Ment. Health** 7(4): 235–48. doi:10.1007/s12310-015-9157-9. 2015.

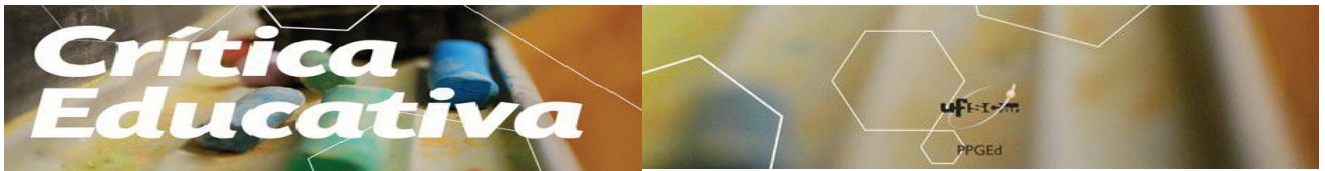
PEREIRA, B. L.; BOZZINI, I. C. T. As mulheres negras na ciência: o percurso de uma professora da área de química na UFSCar. Araras: **AONDÊ**, ano 1, vol. 2, Ago/2022. Disponível em: <https://www.aonde.ufscar.br/index.php/aondeppgedcm/article/view/63/13>

PUIGVERT, L. **Las otras mujeres**. Barcelona: El Roure, 2001.

PUIGVERT, L.; GELSTHORPE, L.; SOLER-GALLART, M.; FLECHA, R. Girls' perceptions of boys with violent attitudes and behaviours, and of sexual attraction. **Palgrave Commun** 5, 56, (2019). <https://doi.org/10.1057/s41599-019-0262-5>

PUIGVERT MALLART, L.; KIM, K. H.; KHALFAOUI, A.; RIOS-GONZALEZ, O.; MELLO, R. R. ; JOANPERE, M.; FLECHA, R. Breaking the Silence within Critical Pedagogy. **Multidisciplinary Journal of Educational Research**, v. 11, p. 203-217, 2020.

PULIDO, C.; ELBOJ, C.; CAMPDEPADRÓS, R.; CABRÉ, J. Exclusionary and Transformative Dimensions: Communicative Analysis Enhancing Solidarity Among Women to Overcome Gender Violence. **Qualitative Inquiry**, 20(7), 889–894, 2014. <https://doi.org/10.1177/1077800414537212>



PREZENSZKY, B. C.; GALLI, E.; BACHEGA, D.; MELLO, R. R. . School Actions to Prevent Gender-Based Violence: a (quasi-)systematic review of the Brazilian and the International Scientific Literature. **Frontiers in Physiology**, v. 89, p. 1-16, 2018.

RACIONERO-PLAZA, S. Relaciones humanas de calidad como contexto de salud y libertad. **Rev. Fom. Soc.** 73 43–6, 2018.

RODRIGUES DE MELLO, R.. Mixed Methods in Studies on Women's Struggle for Land Rights in Brazil. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 8, p. 1-11, 2014

SANTOS, R.A. **Promotoras legais**: contribuições para um modelo de educação social de adultos. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Programa de Pós-graduação em Educação, 2014.

SANTOS, K. dos; MURTA, S. G. Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 36, n. 4, p. 787-800, Dec. 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400787&lng=en&nrm=iso>.

STANISCUASKI, F.; KMETZSCH, L. R.; SOLETTI, C.; REICHERT, F.; ZANDONÀ, E; LUDWIG, Z. M. C.; LIMA, E. F.; NEUMANN, A.; SCHWARTZ, I. V. D.; MELLO-CARPES, P. B.; TAMAJUSUKU, A. S. K.; WERNECK, F. P.; RICACHENEVSKY, F. K.; INFANGER, C.; SEIXAS, A.; STAAT, C. C.; OLIVEIRA, L. de. Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action. **Front Psychol.** 2021;12:663252. Published 2021 May 12. doi:10.3389/fpsyg.2021.663252

THEMIS. Promotoras Legais Populares. Porto Alegre, RS, 2022. Disponível em: <https://themis.org.br/fazemos/promotoras-legais-populares/>

VALLS, R.; PUIGVERT, L.; MELGAR, P.; GARCIA-YESTE, C. Breaking the Silence at Spanish Universities: Findings From the First Study of Violence Against Women on Campuses in Spain. **Violence Against Women**, 22(13), 1519–1539, 2016. <https://doi.org/10.1177/1077801215627511>.

VIDU, A.; PUIGVERT, L.; FLECHA, R.; LÓPEZ DE AGUILETA, G. The Concept and the Name of Isolating Gender Violence. **Multidisciplinary Journal of Gender Studies**, 10(2), 176-200, 2021. <http://dx.doi.org/10.17583/generos.2021.8622>.